



## A polca-rock de Jerry Espíndola

Por Danilo Sangioy e Ricardo Santhiago Fotos Divulgação

Jerry é o mais jovem dos sete irmãos Espíndola. Foi o último a entrar para a música, e também o último a descobrir qual sua praia.

Agora, depois de ter passado pelo rock, pelo pop e até por uma banda cover, Jerry Espíndola vai muito bem, obrigado, com sua polca-rock.

Como uma retomada da idéia que alguns artistas sul-matogrossenses tiveram no final da década de 70, Jerry e sua banda, a "Croa", vêm misturando o rock e a levada ternária da polca, ritmo paraguaio que ouviam desde crianças.

E foi dessa fusão de ritmos que Jerry Espíndola mais falou na entrevista que concedeu ao **Cantos Brasileiros**: "Temos que levar a diferença. É nela que está nossa vantagem".

### **Cantos Brasileiros - Polca-Rock é o nome do seu CD mais recente. De onde surgiu a idéia de misturar os dois ritmos?**

**Jerry Espíndola** - A idéia é natural. Nós temos uma influência muito forte da música da fronteira: do Paraguai, da Argentina... E a polca vem da polca paraguaia. Existe o chamamé e a guarânia também -- ritmos com a mesma levada, mas o chamamé é mais lento que a polca e a guarânia é mais lenta que o chamamé. Crescemos ouvindo essa música da fronteira. A partir da década de 80, caras como Paulo Simões, Geraldo Espíndola e Geraldo Roca começaram a fazer o primeiro movimento de música popular brasileira do Mato Grosso do Sul. Eles já misturavam o ritmo da fronteira com a MPB, e surgiu essa música que é basicamente em cima do ritmo ternário. Minha geração, que é mais nova, além de ouvir o ritmo das fronteiras, também ouvia músicas deles. Logo depois, o Almir [Sater], o grupo "Tetê e o Lírio Selvagem", já fizeram um som que já tinha essa influência. E nós estamos abrindo uma vertente mais para o rock. Não foi uma coisa que procuramos, mas que já estava no sangue -- por causa da influência dessa música fronteiraça.

### **Uma das músicas do CD é "Força Verde", do Zé Ramalho. Foi ele que pediu para vocês darem uma roupagem nova para a música?**

Nós tínhamos mandando umas músicas nossas para ele ouvir. Ele curtiu, e através do Chico Guedes -- baixista dele -- nos convidou para fazermos isso. Acho que ele estava com um projeto de artistas gravando músicas dele. Aí ele mandou "Força Verde", que é uma música do começo dos anos 80 e que nem conhecíamos. E, transformada em polca-rock, ficou muito diferente. O Zé Ramalho adorou! O Chico disse que ele gritava quando ouviu a música. Aí pedimos para colocarmos no disco, ele liberou e hoje é um fã da banda, um padrinho -- até já gravou um depoimento que a gente passa antes do show, falando que o som é legal, essas coisas.

### **Na hora de fazer essa nova versão você sentiu uma responsabilidade maior?**

Senti. Primeiro por ser uma música do Zé Ramalho, e também por ser uma música que não veio naturalmente. Não foi uma música que nós vimos que dava pra fazer. Foi o inverso: foi um pedido dele. Ficamos meio preocupados, mas resolvemos o problema. A música ficou totalmente diferente, porque caiu para a levada ternária, e ao mesmo tempo para o rock. Quer dizer, tudo que ela não tinha agora ela tem.

### **O CD tem, além dessa, outras três regravações. Como vocês as escolheram?**

"Aquele grandão" eu já tocava em levada de polca desde a época em que eu morava em São Paulo, quando ela apareceu. Apresentei para a banda e rolou naturalmente. "Condição" surgiu porque o baterista da banda, Sandro Moreno, participou dos dois últimos Batukas, um concurso de bateria. E para participar do concurso, ele, [Adriano] Magoo e Marcelinho [Ribeiro] fizeram o arranjo instrumental da música. Depois, só colocamos a letra em cima. Deu super certo. E a música dos Beatles foi de bobeira. Num ensaio, falamos: "Vamos fazer Come Together"? E saímos tocando!

### **Sua união com a Croa foi somente para esse CD ou vocês vão continuar juntos?**

Pretendemos continuar. A idéia da polca-rock já existia desde os anos 80. Eu e mais dois caras da minha geração, Rodrigo Teixeira e Caio Inácio, fazíamos juntos polca-rock, mas não conseguíamos viabilizar, porque não tínhamos os músicos. E a banda Croa fez a polca-rock, deu gás, fez o negócio nascer. Se não, não iríamos conseguir. Quando começamos, tínhamos pouquíssimas músicas, e hoje temos um monte de parcerias: música minha e do Magoo, do Sandro... Eles foram fundamentais na criação, e eu não vejo como fazer sem eles. Acho que esse namoro vai longe, até porque nós temos um contrato de mais dois discos com a Elo Music. Já temos o repertório, e acho que vai andar legal.



### **É verdade que houve uma época em que você não conseguia apresentar polca-rock porque não encontrava músicos que conseguissem tocar no ritmo ternário?**

Na verdade eu não tinha muita coisa. Quando fazia meu show com músicos de São Paulo, era estranho porque eles não estavam acostumados com o ritmo ternário. E como tínhamos poucos ensaios, sempre falavam para eu tirar a música para não dar problema no show. E eu tirava. Nem na minha própria banda de rock, "Os Incontroláveis", consegui realizar o som. Por isso ressalto esse lance da Croa -- porque eu não tinha conseguido fazer polca-rock até encontrar os caras. Não rolava! Sempre era difícil, não virava, não era comercial, não era de fácil assimilação. Até eu tinha dúvidas. Quando fiz minha primeira polca-rock, lembro que falava para a Alzira [Espíndola] que a música não estava pronta. E ela dizia que estava pronta, sim. Isso mudou depois: quando gravei o "Pop Pantanal", meu primeiro CD solo, que tinha composições mais românticas, na linha pop, gravei a polca-rock Colisão, e fui na casa do Paulinho Moska para mostrar o CD para ele. Quando chegou nessa música, o Paulinho falou que esse que era meu lance, um lance diferente que ele nunca tinha ouvido. Lembro que ele detonou minha cabeça: falou que meu som pop era legal, mas que tinha quinhentos caras fazendo. E que polca-rock não tinha ninguém. Ele abriu minha cabeça. Lembro que voltei para Campo Grande, falei com a banda e disse que tínhamos que fazer polca-rock. Sacamos que nós tínhamos mesmo que levar a diferença, que nela estava nossa vantagem.

### **Foi uma mudança completa de um disco para outro?**

Total. "Pop Pantanal" é um disco pop, mais para o pop romântico. Acho que foi bem feito, mas hoje vejo que não acrescentava nada. Disco legal tem um monte, mas discos que falem alguma coisa diferente não são tantos. Hoje sinto a diferença da Polca-Rock do próprio público. As pessoas dão mais valor, porque é uma novidade.

### **E estão assimilando?**

Estão assimilando, é super boa a receptividade. Principalmente porque o show é muito forte, viril, e o som é parece um pouco o rock progressivo. O ritmo ternário é, até para músicos, uma coisa com que não se está acostumado. Os próprios músicos ficam sem entender o que está acontecendo, como pensamos para executar a música... Está sendo legal porque estamos causando espanto.



### **Vocês pretendem seguir na linha do Polca-Rock ou fazer outras experiências sonoras?**

Por enquanto pretendemos seguir só na polca-rock, porque virou um vício. Me desinteressei totalmente por outros ritmos que não sejam polca-rock. Pelo menos por enquanto, estou sem tesão de fazer outra coisa. Agora que descobri essa veia, sinto que vem muita coisa. Um ano antes de gravarmos outro disco, já temos repertório de sobra, já estamos pensando em como fazer o outro. Então vamos deixar rolar, não estou preocupado em quando eu vou começar a fazer outra coisa. Por enquanto, vamos beber dessa fonte. Espero que ela não se esgote tão rápido! (risos)

### **Todos os seus discos têm desenhos nas capas. Por quê?**

Coincidência, apesar de eu gostar muito de gibi. "Os Incontroláveis" foi mais de propósito, porque fazíamos as músicas pensando em gibi, em historinhas de gibi. Com o "Pop Pantanal" e o "Jerry & Croa" foi coincidência. Os artistas que fizeram optaram por essa idéia e nós aprovamos. Uma coincidência que, no meu caso, tem muito a ver, porque curto gibi pra caramba.

### **O que existe de positivo e de negativo em ser um artista dentro de uma família de artistas?**

De negativo não existe nada...

### **Não existe mais cobrança, por parte dos outros, ou de você mesmo?**

Não... Mas de positivo sim. Como sou o caçula, quando comecei a tocar, todos já eram grandes artistas. Pude conviver com cada um, todos me ensinaram um pouquinho. Cantei com a Tetê [Espíndola] como backing dela no Festival dos Festivais, participei da banda dela... Foi uma grande experiência, muito marcante e com muitas responsabilidades. Eu ainda era novo, e ser backing da Tetê não é moleza. Sofri pra caramba para pegar os lances, que eram barra pesada, só loucuras! E acabei sendo parceiro de todos, fiz músicas junto... E agora estamos fazendo o disco da família, com os sete irmãos Espíndola mais um primo.

### **Esse disco vai ser lançado comercialmente?**

Sim, pelo selo da Tetê, o "Luz Azul". E a gente vai procurar uma distribuição.

### **Você também participou de outra banda, a "Tons & Jerry".**

Era uma banda de cover: cover de curtição, para tocar em barzinho, em festas. Isso lá em Campo Grande.

**Em que período?**

Foi de 97 a 2000. Uns três anos que pegamos pra valer mesmo. Foi legal, porque abríamos shows de bandas conhecidas, como Jota Quest e Pato Fu, tocávamos em grandes festas, para dez mil pessoas... E foi legal, porque ficamos bem conhecidos no Mato Grosso do Sul com esse trabalho. É um trabalho mais popular mas deu um retorno de divulgação muito bom.

**Quando você decidiu começar a carreira?**

Quando comecei a tocar a primeira música no violão, quando tinha mais ou menos 16 anos. Até então não queria saber de nada. Quando aprendi a primeira, falei: "É isso!". O óbvio... eu era o caçula dos irmãos Espíndola! (risos) Aí ficava enchendo o saco dos meus irmãos, pedindo para me ensinarem música. Cada um foi me ensinando um pouquinho. Mas em 1983, quando mudei para São Paulo, comecei a me profissionalizar, a compor mais.

**E como está sua carreira neste momento?**

Ótima. Pela primeira vez estou me sentindo maduro, com um som em que acredito muito. Estou me sentindo no melhor momento da minha carreira. Acho que tudo o que passou somou para isso. Agora estou acreditando piamente no meu trabalho. Lembro que eu sempre tinha desconfiança, não sabia se o som estava legal... Hoje não. Acho que são anos de carreira para a gente conseguir chegar num patamar de tranquilidade, saber que está fazendo seu trabalho bem feito, não ter medo de nada. Hoje sei que posso fazer um show em qualquer lugar e que vou estar dando o melhor de mim. Não vou estar mentindo nem um pouquinho, não vai estar faltando nada. 🇧🇷